

# sumário

- 1** Considerações iniciais, 9
- 2** Minha trajetória, 13
- 3** Fundamentos históricos e filosóficos, 21
- 4** A Escola Viva e as bases da inclusão, 31
- 5** Mitos, enganos e equívocos na inclusão, 57
- 6** Inclusão na prática, 67
- 7** A avaliação, 99
- 8** Considerações finais, 115

*Bibliografia*, 119

*Conto – Naquele dia* 121



# 1. **considerações** iniciais



**E**m algumas palavras introdutórias, eu diria que este livro é uma espécie de relato que emerge da minha ampla experiência na área de Educação Inclusiva na Escola Viva (em Cotia, no Estado de São Paulo)<sup>1</sup>, bem como de algumas questões teóricas dispostas no âmbito científico a respeito do tema. Assim, acredito que esse livro possa ser definido como uma obra de “mútua ajuda” – de fácil entendimento mas, ao mesmo tempo, fundamentada teoricamente. Seu objetivo principal é falar diretamente sobre as questões reais do processo de inclusão, fazendo que, ao lê-lo, o professor se identifique e identifique os problemas que precisa solucionar hodiernamente, na escola e na vida.

Sabemos que a escola no Brasil já está convencida, mesmo que por força da lei, de que deve receber crianças com deficiência. Contudo, ainda se praticam ações que não condizem com a verdadeira inclusão. A luta ainda está longe de ser vencida. Isso porque a escola matriculou os deficientes, mas ainda tem dificuldade de lidar com as diferenças.

Este é, portanto, mais um instrumento que visa, por meio do relato de experiências, ao avanço do trabalho escolar inclusivo. Por razões metodológicas, optei por não apresentar dados estatísticos, leis etc., tendo em vista o modelo quase romanesco da obra. E, para aproximar ainda mais os leitores das experiências vividas, apresento a seguir minha trajetória na educação – meus passos para a inclusão.

---

1 Para mais informações, consulte o site [www.escolaviva.net](http://www.escolaviva.net).



## 2. **minha** trajetória



**M**inha trajetória na educação se iniciou em 1983, quando comecei a dar aulas na rede municipal do Rio de Janeiro, especificamente em uma escola em que havia um grupo de crianças excluídas socialmente. Moradoras de uma favela, além da carência material, essas crianças eram também privadas de afeto e cuidados, já que a maioria era de famílias mantidas somente pela mãe – que normalmente saía de casa cedo para trabalhar, retornando à noite, ou às vezes dormia no emprego, por exigência dos patrões.

Embora na época não se usasse o termo, podia-se considerar que aqueles eram verdadeiros excluídos. Alguns casos me marcaram profundamente, como o de uma menina de 6 anos que morreu queimada ao tentar acender o fogareiro para aquecer o leite do irmãos menores de 4 e 2 anos – de quem cuidava até que a mãe chegasse do trabalho.

Já naquela época, percebi que, utilizando os métodos e parâmetros da escola tradicional, não conseguiria desenvolver nenhum tipo de trabalho com aquele grupo. Por isso, passei a buscar algo que pudesse me auxiliar naquela empreitada. Afortunadamente, fui convidada por uma colega para participar de um grupo de estudos da obra de Piaget. Começamos pela teoria sobre o desenvolvimento humano descrita pelo autor. Embora não tenha sido fácil, aos poucos fui compreendendo a tese defendida pelas ciências cognitivas, sobretudo pela teoria construtivista. Daí a me tornar defensora do construtivismo foi um pulo.